

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

A História pela música

Estive em um evento cultural na quinta-feira passada no Ministério das Finanças da Alemanha. Uma experiência e tanto, se se pensar nos últimos 75 anos da História alemã e em tudo o que aconteceu naquele prédio. A primeira sensação foi meio tenebrosa, um empurrão ao passado. Nunca imaginei que pisaria nos salões que foram sede do Ministério da Aviação do Terceiro Reich. Na linha do tempo, essa mesma construção ocupada pelo Exército Vermelho logo ao final da Segunda Guerra também abrigou o partido comunista unificado — SED — e, a partir de 1949, a Casa dos Ministérios da Alemanha Oriental. Com a queda do muro, em 1989, o prédio fechou as portas. Ali tinham trabalhado seis mil pessoas em dois mil escritórios. Era uma cidade miniatura, com postos de saúde, banco, cabeleireiro, guichê de passagens, armazéns, casa lotérica, livraria, farmácia e recreação, incluindo duas quadras de tênis.

A história do prédio é o fio condutor do projeto Música, Época e Fatos — Entre Proibição, Cautela e Diversão, de 1933 a 1945. Este foi o primeiro evento de uma série que pretende mostrar, através da música, três períodos da História do país: o Terceiro Reich, a Alemanha comunista e a Alemanha hoje.

O tema foi muito bem apresentado, e com cautela, como o próprio subtítulo do programa sugere. Certamente não teria tido o mesmo impacto em outro local. O clima sinistro do prédio ajudou a manter a atmosfera excitante.

A noite começou com palestras. Enquanto o historiador Marko Paysan falava, na sala de reuniões, sobre música, teatro, cinema e dança que aconteciam em locais nas redondezas do prédio, no andar subterrâneo, o arquiteto Stephan Braunfels contava a trajetória de seu avô, Walter Braunfels, um dos compositores de ópera mais importantes da Alemanha entre 1925 e 1933. Sua ópera “Os pássaros” foi um sucesso, mas, como inúmeras obras da época, foi proibida de ser encenada. Braunfels era inimigo do nazismo e metade judeu. Mesmo assim não quis deixar o país e se exilou no Sul da Alemanha. Ele só retornou à vida pública em 1945, para retomar a Escola de Música, que havia fundado 12 anos antes em Colônia. Este intervalo contribuiu para Braunfels cair no esquecimento. Só a partir dos anos 1990 começou a ser redescoberto.

Nos tempos do Terceiro Reich, o jazz, o swing e toda a música erudita moderna tiveram execução proibida em rádios e palcos e receberam o rótulo de “música degenerada”. Setenta e cinco anos depois, essa música é o centro das atenções no Ministério das Finanças. A apresentação do guitarrista Coco Schumann foi o auge do evento. Nascido em 1924, ele viveu na pele a perseguição nazista. Era músico de jazz e judeu. Não teve jeito, foi parar no campo de concentração Theresienstadt. Coco lembra seu primeiro dia como prisioneiro: “Fui dar uma volta e encontrei um bar. Me levaram para os fundos e lá estavam músicos conhecidos e muitos instrumentos. Peguei um violão e comecei a tocar. Me perguntaram se eu também tocava bateria, pois o baterista da banda tinha sido levado para Auschwitz.

Me tornei o baterista dos Ghetto Swingers.”

“Quase morri várias vezes, mas a música sempre me salvou.” Coco escapou até de Auschwitz. “Quando cheguei lá, um guarda SS apontou para uma chaminé e disse: ‘Aqui é um campo de extermínio. A entrada é pela porta e a saída, pela chaminé.’” Em sua biografia, “Der Ghetto Swinger”, Coco afirma: “Sou músico. Um músico que esteve no campo de concentração. E não um prisioneiro que faz música.”

Entrevistado pelo trompetista Till Brönner no evento, Coco contou que ensaia todos os dias e que seus shows são sempre lotados. Aos 87 anos, tocou como nos velhos tempos. No repertório, jazz e uma surpresa, “Samba de uma nota só”, de Antonio

Carlos Jobim e Newton Mendonça. Fiz questão de cumprimentá-lo e perguntei se podia dar-lhe um beijo. Coco não fez por menos. Disse claro, e me tascou um beijo na boca.

Encerrando a noite, o violonista Daniel Hope e

o pianista Sebastian Knauer apresentaram peças de compositores “proibidos”, como Felix Mendelssohn Bartholdy. E Hope falou de sua ascendência judia-alemã e da família que teve de deixar a Alemanha.

No fim da guerra, com 21 anos, Coco Schumann teve a sorte de encontrar os pais vivos. Ele relembra seu primeiro passeio pela cidade destruída: “Berlim era um monte de entulho. Subi a Ku’damm e na Uhlandstrasse ficava o Ronny Bar. Entrei e lá estavam os meus amigos. A música parou e todos me olharam. Tinham ouvido falar que eu estava morto.” Coco voltou a tocar e em um de seus primeiros shows conheceu a futura esposa. “Após o concerto, ela me perguntou: ‘Você não é o baterista dos Ghetto Swingers?’” Ela o tinha visto tocar em Theresienstadt.

O convite para vivenciar e discutir a história do prédio pela música foi um modo bem-sucedido de abordar o Terceiro Reich. E, como cenário, nada mais autêntico do que este edifício colossal (56 mil metros quadrados), construído pelos nazistas, e que quase foi demolido após a Reunificação da Alemanha.

O Música, Época e Fatos encontrou o tom certo entre boa música e reflexão. E eu, sortuda, ainda ganhei de Coco Schumann um beijinho na boca.

Nunca imaginei
que pisaria
nos salões
que foram sede
do Ministério
da Aviação do
Terceiro Reich

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso
	Cristina Ruiz, de Berlim		Eduardo Levy, de Los Angeles			